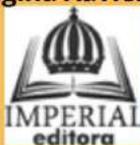


**QUE DIFERENÇA FAZ A NOSSA COR?**

Discutindo racismo e futebol nas aulas de  
Educação Física

**Jaldomir Francisco da Silva Miranda**  
**Katia Regina Xavier da Silva**



Rio de Janeiro, 2021

QUE DIFERENÇA FAZ A NOSSA COR?

Discutindo racismo e futebol nas aulas  
de Educação Física

**Jaldomir Francisco da Silva Miranda**

**Katia Regina Xavier da Silva**

**QUE DIFERENÇA FAZ A NOSSA COR?**  
Discutindo racismo e futebol nas aulas  
de Educação Física

**1ª Edição**



Rio de Janeiro, 2021

**COLÉGIO PEDRO II**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**  
**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**  
**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

M672 Miranda, Jaldomir Francisco da Silva

Que diferença faz a nossa cor? Discutindo racismo e futebol nas aulas de Educação Física / Jaldomir Francisco da Silva Miranda ; Katia Regina Xavier da Silva. - 1.ed. - Rio de Janeiro: Imperial Editora, 2021.

70 p.

Bibliografia: p. 69-70.

ISBN: 978-65-5930-039-6.

1. Educação física – Estudo e ensino. 2. Futebol. 3. Racismo. 4. Desengajamento moral. I. Silva, Katia Regina Xavier da. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 510

## **RESUMO**

Como as aulas de Educação Física podem estimular estudantes do Ensino Médio a refletirem sobre desengajamentos morais em diferentes contextos do cotidiano? A partir desta questão norteadora, esta Unidade Didática se propõe a dar suporte teórico e metodológico aos professores de Educação Física que atuam no Ensino Médio para discutir questões ligadas ao preconceito racial no futebol, com base na perspectiva do desengajamento moral.

**Palavras-chave:** Desengajamento moral; Racismo; Futebol; Educação Física.

## SUMÁRIO

Apresentação	7
Introdução à temática	9
Elaboração da unidade didática	12
1 Para honrar as cores do meu time, vale tudo?	16
2 Atitudes violentas ou brincadeiras?	23
3 Violência contra a arbitragem	30
4 Uma agressão pode ser culpa da vítima?	39
5 Mimimi ou discriminação?	46
6 Não sou o culpado, todos fizeram	53
7 No Brasil não existe racismo, o problema é social. Será?	59
Referências Bibliográficas	69

## Apresentação

No decorrer desta unidade didática, serão apresentadas: 1) notícias veiculadas na mídia, redes sociais e afins, que tratam de diferentes tipos de discriminação racial no futebol e as respectivas justificativas utilizadas pelos agressores; e 2) propostas de atividades que suscitam o debate sobre a discriminação racial no contexto do futebol.

Ao analisar determinados atos, presentes no cotidiano do futebol-espetáculo e transmitidos pela grande mídia, é possível se deparar com diferentes tipos de comportamentos negativos, como agressões físicas e verbais; e positivos, como fair play. Esses comportamentos não são interpretados em consenso já que, por vezes, uma ação pode parecer negativa para uns e positiva para outros, assim como pode oscilar por questões de empatia ou por padrões morais.

Os padrões morais – acordos explícitos, nos quais os indivíduos se apoiam para emitir juízos sobre o que é “certo” ou “errado” – são construídos por meio das relações sociais, com base em determinantes socioculturais pré-estabelecidos. O desvio do padrão moral não está condicionado a determinado grupo de pessoas ou a uma pessoa má pois fatores como a motivação que dá origem a ação ou a prováveis consequências do ato, podem interferir na tomada de decisão. Para exemplificar, a seguir, serão apresentadas duas situações:

1. Ao considerar ter sofrido uma falta não marcada, o jogador do seu time de coração agride verbalmente o árbitro da partida.
2. Ao considerar que o atleta do seu time de coração simulou uma falta, o árbitro da partida agride verbalmente o jogador.

Para você: na primeira situação, o árbitro foi a vítima? E na segunda situação, o árbitro estava certo? Descreva em seu caderno suas repostas e guardelas para o debate que será proposto ao final desta seção.

## Introdução à temática

A autorregulação moral pode ser compreendida como a capacidade de controle cognitivo, afetivo, motivacional e respectivas ações. Para compreender esse processo será utilizada a teoria do Desengajamento Moral (DM), que é parte de uma macroteoria, a Teoria Social Cognitiva (TSC), de Albert Bandura. De acordo com o autor, o sujeito não é apenas fruto do meio em que está inserido e nem é cem por cento autônomo: ele influencia e é influenciado pelo ambiente que está inserido (BANDURA, 2005). O DM pode ser compreendido como um processo autorregulatório, relacionado à reestruturação cognitiva de comportamentos avaliados como contrários aos padrões morais internalizados por um indivíduo. Em outras palavras, é possível dizer que uma pessoa, mesmo consciente de que jogar papel no chão da sala de aula é errado, ela o faz; e, para não se sentir culpada ou para não ser julgada pelos seus amigos, justifica sua atitude ao afirmar que não foi o único.

A compreensão dos mecanismos de DM se faz necessária para que seja feita, de maneira adequada, uma análise do crescente uso de estratégias individuais e institucionais destrutivas e exploradoras. Observam-se atitudes desengajadas em todos os contextos da sociedade: em pequena escala, temos como exemplo o ato de jogar papel na rua, anteriormente referido; em maior escala, pode-se citar o ato de agredir gratuitamente uma torcida adversária, dentre tantos outros. Não são raros os casos de violência nos mais diversos esportes pelo mundo. No Brasil, em particular, há vários exemplos de atos violentos que acontecem no futebol, já que se trata do esporte de maior adesão no país.

A teoria do DM ajuda a elucidar como indivíduos utilizam-se de mecanismos cognitivos para distorcer pensamentos e torná-los menos negativos,

de forma que possam cometer atos violentos, sem ter sentimento de culpa (minimizado) e/ou serem afetados por avaliações sociais negativas.

A seguir, serão apresentados os oito mecanismos de DM e suas exemplificações.

1. Justificativa moral: a pessoa reorganiza sua ação, de forma cognitiva, para que seu ato repreensível seja justificado de acordo com atitudes morais que possam ser socialmente aceitas. Ex.: O estudante, justifica sua agressão com argumentos morais quando relata ter feito algo errado, como agredir verbalmente outro aluno(a), para defender a honra de um amigo;
2. Linguagem eufemística: é utilizada com a intenção de transformar uma ação prejudicial em uma ação amena por meio da linguagem. Ex.: Ao chamar um colega de turma de “gordo” o agressor minimiza seu ato, e tenta transformar em uma mera brincadeira;
3. Comparação vantajosa: compara a sua atitude com outra considerada mais grave, o que tende a gerar autoaprovação. Ex.: Quando não deixa um amigo de turma jogar no seu time, na aula de Educação Física, e compara sua ação ao afirmar que é melhor não o deixar participar porque ele poderia ser agredido durante a partida por não saber jogar;
4. Deslocamento de responsabilidade: as pessoas não se consideram como agentes da atitude recriminável. Ex.: Para que o indivíduo não se sinta culpado ou seja julgado por agredir um colega do time adversário, justifica sua ação ao afirmar que fez por determinação do capitão do time;
5. Difusão de responsabilidade: alega que seu ato foi decidido pelo grupo. Ex.: Quando o agressor justifica seu ato ao afirmar que não foi o único, todos fazem a mesma coisa;

6. Distorção das consequências: ocorre quando o indivíduo se distancia da ação, assim a minimiza, distorce ou enfraquece. Ex.: Quando a pessoa cria um perfil falso na internet para atacar outra;
7. Desumanização: a vítima é tirada da condição de humana, igualada a um animal. Ex.: O agressor afirma que o outro aluno parece um monstro, por isso é excluído das atividades em grupo;
8. Atribuição de culpa: a vítima é culpabilizada pela agressão sofrida. Ex.: O estudante afirma que agrediu o amigo de turma por ele ser muito inteligente.

É importante compreender que a utilização desses mecanismos é gradual. Inicialmente, são atos leves, acompanhados de desconfortos e por sentimento de culpa. Entretanto, a autorreprovação é diminuída em decorrência da repetição e de uma maior exposição a atos violentos. Para exemplificar, faça uma análise de quantas vezes um torcedor justificou uma ofensa a outro ou à torcida, alegando tratar-se de uma brincadeira. Uma atitude como essa, comumente tida como normal no esporte, pode ser vista como a expressão de um mecanismo de desengajamento, nesse caso, a linguagem eufemística.

O futebol pode ser descrito como um dos esportes de maior relevância social e cultural, no Brasil. A modalidade é influenciada e influencia ações, atitudes e opiniões. Uma partida pode ter início com os atletas carregando uma faixa de repúdio ao racismo e terminar com uma agressão (física ou verbal) de um atleta a outro, motivada pela cor do adversário.

Há uma grande tentativa de minimizar ou desqualificar a discriminação racial em diversas esferas sociais, assim como no futebol. De acordo com o Observatório da discriminação racial no futebol (2020), os casos de racismo

crecem a cada ano. Ao analisar os casos apresentados pelo observatório, é possível identificar o uso de diferentes justificativas. No decorrer da unidade didática serão apresentados casos de discriminação racial para fomentar nossos debates, assim como propostas de problematização.

#### Elaboração da unidade didática

O percurso até idealizar esta unidade didática foi marcado por inúmeros encontros e desencontros. Ao entrar para o Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica, pensava em construir um material que auxiliasse na motivação docente no ensino público, em seguida em criar um aplicativo educacional, para as aulas de Educação Física, que pudesse ser utilizado como ferramenta teórica para os estudantes. Até o primeiro contato com os estudos da Teoria Social Cognitiva (TSC), de Albert Bandura (2015), nos encontros do Grupo de Pesquisas em Ensino, Aprendizagem, Interdisciplinaridade e Inovação em Educação (GEPEAIINEDU), comecei a idealizar, de forma concreta, o caminho teórico e os objetivos que seriam traçados na construção desta unidade.

Há muito tempo me interesse sobre a temática da discriminação racial, entretanto tinha receio de abordá-lo em meus estudos, o temor de ser classificado como um professor que busca apenas a conveniência de ser um homem negro e busca falar sobre ele mesmo. Até que no dia da qualificação da minha dissertação fui questionado pela banca o porquê de não utilizar a discriminação racial e assim focar e ampliar os debates, ao invés de elencar diversos temas, de maneira superficial? Considerei o argumento da banca pertinente, ainda que o medo e o sentimento de não saber se daria conta, da grandiosa responsabilidade que caía em meus braços, fiquei entusiasmado com a possibilidade de relacionar meu estudo ao tema racial, tema importante e relevante para ser debatido dentro e fora da escola.

Para o desenvolvimento das atividades propostas por essa unidade didática o Desengajamento Moral (DM), constructo da TSC, é o campo de conhecimento a assumir papel central desta unidade didática. O DM possibilita a promoção de debates e reflexões em atos de discriminação racial no futebol, a partir destas, a unidade pode servir como ferramenta agregadora em processos de autorregulação moral. O DM pode ser definido como um conjunto de processos autorregulatórios nos quais uma pessoa se afasta de sua autocensura moral para que seja possível agir de forma contrária ao seu padrão moral, para isto utiliza de mecanismos que minimizem um possível sentimento de culpa (BANDURA, 2015).

Ao problematizar situações consideradas pouco violentas como utilizar “apelidos” para discriminar negros de forma pejorativa, ao se referir a um colega e apontar que estava apenas brincando, a qual coloca os negros em posição inferiorizada, é possível ressaltar a premissa de que qualquer pessoa pode agir de forma desengajada em algum momento da vida, mesmo as consideradas como exemplo de empatia (IGLESIAS, 2008). Considero a escola, ambiente propício para estimular reflexões críticas sobre a importância do respeito aos padrões morais, definidos pelo meio social que visem uma convivência harmoniosa dos entes. E acredito que os estudantes, a partir de experiências autorregulatórias junto a compreensão dos conceitos observados, podem compartilhar seus conhecimentos em prol de uma sociedade justa e empática.

A proposta desta unidade didática é estimular a autorregulação moral dos estudantes, por meio de reflexões críticas e debates sobre atitudes desengajadas relacionadas a discriminação racial no futebol. Para percorrer este caminho, no qual a problematização do desengajamento moral no futebol seria o mapa, espera-se que o discente possa ser incentivado a refletir sobre atitudes discriminatórias presentes no esporte e em seu meio social, a partir do

conhecimento de diferentes formas de violência. E, assim, ter a possibilidade de ser crítico frente a diferentes situações, de repensar suas atitudes e até de transformar seu meio de maneira positiva com atitudes pró-sociais (BERBEL, 1995).

## **1. PARA HONRAR AS CORES DO MEU TIME, VALE TUDO?**

## 1 Para honrar as cores do meu time, vale tudo?

O futebol na vida dos brasileiros é uma paixão incondicional! O amor dos torcedores é caracterizado de diferentes formas! As atitudes da torcida, que evidenciam tais afirmações, podem ser observadas em diferentes contextos, como viajar por horas para assistir aos jogos; doar tempo, trabalho e dinheiro em prol de melhorias estruturais de estádios; fazer campanhas para contratar determinados atletas; protestar contra a contratação de outros e, por vezes, apontar erros que consideram um grave atentado às tradições do time.

A seguir, observe alguns comentários em redes sociais de torcedores do Palmeiras (SP), após uma campanha publicitária realizada para apresentar o novo uniforme da equipe, para temporada 2020/2021, idealizado por uma fornecedora/patrocinadora de equipamentos esportivos:



Fonte: <http://observatorioracialfutebol.com.br/>



Fonte: <<http://observatorioracialfutebol.com.br/>>



### **Agora, responda!**

1. Os comentários supracitados podem ser considerados uma defesa da honra de um time? Justifique sua resposta.
2. Qualquer forma de se expressar deve ser respeitada? Justifique sua resposta.
3. Qual seria a sua atitude ao ver comentários semelhantes, de pessoas que se dizem torcedores do mesmo time que você torce?

### PARA AMPLIAR O CONHECIMENTO!

O Palmeiras teve seu posicionamento sobre a repercussão da campanha de *marketing*, divulgado pelo site [globoesporte.com](http://globoesporte.com) (GE). Em nota, a agremiação

afirma, veementemente, que repudia toda e qualquer ofensa de cunho racial e esclarece, ainda, que o time é de todos. Veja a nota:

Repudiamos os ataques racistas relacionados ao vídeo de lançamento da nova camisa. Atuamos firmemente no sentido de coibir quaisquer manifestações discriminatórias em nossas dependências, bem como difundimos tais valores perante os torcedores e sociedade em geral. "O Palmeiras é de Todos" é nosso posicionamento institucional. O clube tem 16 milhões de torcedores e não faz qualquer distinção de raça, religião, gênero ou classe social (GE, 2021)<sup>1</sup>.

Atitudes semelhantes às destes supostos torcedores são, frequentemente, utilizadas em diferentes situações do cotidiano e para que a pessoa não se sinta culpada ao agir desse modo, esta utiliza de estratégias cognitivas. De acordo com Bandura (2015), o mecanismo de **justificativa moral** está presente nestas situações para reorganizar, de forma antecipada, possíveis consequências negativas de autocondenação e autopunição que poderiam impedir uma ação violenta.

Essa estratégia cognitiva consiste em transformar seu ato violento para uma atitude em prol da honra e/ou para defender a moral do seu time de coração, com a intenção de que sua ação possa ser socialmente aceita, além de preservar sua imagem de “uma pessoa boa”. Outro exemplo, além dos já citados, pode ser observado quando um torcedor afirma que brigou com outro, de torcida adversária, apenas para defender a moral do seu time.

---

<sup>1</sup> Endereço eletrônico do Globo Esporte.com Palmeiras repudia ataques racistas contra campanha de lançamento da nova camisa | palmeiras | ge (globo.com).

## **HORA DE COMPARTILHAR CONHECIMENTO!**

Em grupos de até 5 pessoas, pesquise situações em que a honra ou a moralidade são justificativa para ações de violência. Em seguida, confeccionem cartazes informativos com estratégias que possam ilustrar o mal que ações desse tipo podem causar, para quem sofreu, e quais consequências ao agressor.



### **LINKS ÚTEIS**

- Ataques racistas ao lançamento da nova camisa do Palmeiras - Prisma - R7 Cosme Rímoli
- Palmeiras e Puma contra o racismo - YouTube
- Puma reforça combate a ataques racistas por lançamento de uniforme do Palmeiras (terra.com.br)

## PARA O PROFESSOR

**Plano de Aula**

Tema: Para honrar as cores do meu time, vale tudo?

Para transformar uma atitude repreensível em uma ação aceita socialmente, e assim manter sua imagem como agente moral, é necessário ativar o mecanismo de justificativa moral. Ao elencar justificativas morais, em uma situação de agressão à um amigo, por exemplo, a agressão pode ficar em segundo plano. Agredir alguém pode parecer adequado, quando o motivo se deu por uma traição.

**Objetivos**

- Compreender as principais características do mecanismo de justificativa moral.
- Refletir sobre o problema apresentado e compartilhar sua vivência.
- Propor estratégias para combater o racismo que valorizem atitudes antirracistas.

**Desenvolvimento do tema**

A aula terá início com a apresentação de trechos retirados de redes sociais que evidenciam ações racistas e será proposto que os estudantes respondam as questões.

No segundo momento, será proposta uma roda de conversa para que cada um relate suas considerações.

No terceiro momento, o professor apontará as características do mecanismo de justificativa moral e proporá a confecção de cartazes para a aula seguinte.

Recursos

Projetor, papéis, quadro e canetas.

Avaliação do processo

Reflexão coletiva sobre os sentidos criados a partir da experiência vivida pelos discentes, solicitando-se que os participantes escrevam as suas impressões sobre a aula e sobre os conceitos trabalhados.

## **2. ATITUDES VIOLENTAS OU BRINCADEIRAS?**

## 2 Atitudes violentas ou brincadeiras?

Normalmente, as pessoas são reconhecidas por seus nomes de batismo, dentro da escola, no trabalho e entre seus amigos, por exemplo. Mas, em alguns casos, elas podem ser reconhecidas pelo diminutivo do seu nome, por algo que gostam de fazer ou por algum nome que preferem ser chamadas. Podem, também, ser chamadas por um “apelido” de acordo com suas características físicas. Nesse caso, na maioria das vezes, essa forma de reconhecimento, não é bem recebida pelo receptor do apelido. Por outro lado, os que inventam ou criam estas associações justificam-nas como uma brincadeira. Uns ganham o “apelido” de “bola”, outro de “apagão” e alguns são chamados de “nerd”.

O futebol brasileiro é uma grande vitrine de “apelidos”. Em alguns casos, o verdadeiro nome do atleta (nome de batismo) nunca é citado, durante toda sua carreira. Alguns atletas até tentam mudar a forma de serem chamados, mas como dizem... “depois que pega, já era”. Observem alguns “apelidos”: Grafite; Negueba; Fumaça; Gasolina; Diamante negro. Vocês conseguem descobrir o verdadeiro nome dos jogadores?

1. Grafite: Edinaldo Batista Libânio. Atleta mundialmente conhecido e detentor de diversos títulos por diferentes equipes como São Paulo e Wolfsburg (Alemanha).

2. Negueba: Guilherme Ferreira Pinto. Atuou em diversos times no Brasil e em outros países. Foi revelado pelo Flamengo e, atualmente, joga nos Estados Unidos.

3. Fumaça: Evanesio Gomes da Sá Júnior. Iniciou sua carreira no Santa Cruz e, atualmente, joga no Limoeirense, de Pernambuco (PE).

4. Gasolina: Edson Arantes do Nascimento - “Pelé”. Por vezes, era chamado de “gasolina”. Até o momento que o ex-atleta se posicionou, de maneira firme, e pediu para ser chamado apenas de “Pelé”.

5. Diamante Negro: Leônidas da Silva. Criador do gol de bicicleta, multicampeão pela seleção Brasileira, Flamengo e São Paulo.



**Agora, responda!**

1. Você já recebeu um apelido que não gostou?
2. Já apelidou alguém e continuou a chamá-lo dessa forma mesmo ao perceber que o seu colega não gostou?
3. Considera o apelido apenas como uma brincadeira?
4. Como se sentiu ao ser chamado por um nome que não gostou?
5. Já procurou entender o motivo e como o seu colega se sente, ao ser chamado por um apelido?

**PARA AMPLIAR O CONHECIMENTO!**

Outra análise que pode ser feita sobre os “apelidos”, quando se trata do agente da ação, é a frequente tentativa de minimizar e mascarar ações discriminatórias cometidas, com intuito de purificar uma atitude repreensível e assim se afastar do sentimento de autocondenação. Para isso, são utilizadas

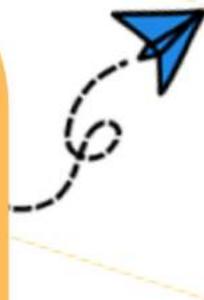
estratégias que modificam as palavras para que o discurso pareça um pouco mais aceitável perante o meio social que está inserido. Ou para que o indivíduo, ao agir desta forma, não tenha sentimento de culpa, por isso ele procura modificar/sanear o seu discurso sem agredir de forma concreta sua vítima. O mecanismo que caracteriza estas ações é denominado de **linguagem eufemística**.

A teoria do DM aponta que o indivíduo utiliza o mecanismo da linguagem eufemística para tornar sua ação aceitável e menos agressiva. Um dos grandes pesquisadores desta teoria, Iglesias (2008, p.169-170), aponta a seguinte definição: “linguagem eufemística – opera quando há um mascaramento de atividades repreensivas na forma como são nomeadas, para diminuir a gravidade da ação ou conferir-lhe um status mais respeitável”. Uma das estratégias utilizadas por esse mecanismo é o de purificar uma ofensa verbal e afirmar que é “apenas uma brincadeira”, ao invés de uma ação discriminatória, o que evita sua autocensura e uma possível reprovação social.

Antes de tomar atitudes reflita sobre elas e faça uma análise: e se fosse comigo? Por que eu deveria falar isso? Será que o alvo dos meus atos está feliz?

## HORA DE COMPARTILHAR CONHECIMENTO!

Faça um levantamento, junto a seus familiares, de apelidos que já tiveram e se eles gostavam de ser chamados daquela forma. Em seguida relacione o sentimento descrito ao que foi apresentado nesta seção. Passe as informações, que considere importante, para o seu familiar e se necessário pesquise outras fontes para auxiliar sua conversa.



### LINKS ÚTEIS

- Reflexões sobre a relação do racismo recreativo e o futebol ([ludopedio.org.br](http://ludopedio.org.br))
- Grafite, Fumaça, Somália, Robinho... como o racismo recreativo se propaga no esporte | futebol | ge ([globo.com](http://globo.com))
- Adilson Moreira: "O humor racista é um tipo de discurso de ódio" - CartaCapital

## PARA O PROFESSOR

**Plano de Aula**

Tema: Atitudes violentas ou brincadeiras?

A linguagem é uma ferramenta de grande importância na vida em sociedade. Com a fala, é possível descrever múltiplos sentimentos. Além disso, o bom uso da retórica pode acabar com uma guerra ou deflagrar outra. Até quando um discurso evidencia falas discriminatórias, estas podem ser saneadas a tal ponto que passam a ser aceitas e até replicadas como, por exemplo, os apelidos pejorativos de cunho racistas presentes no futebol.

**Objetivos**

- Conhecer a utilização da linguagem como ferramenta para purificar atitudes de discriminação racial.
- Refletir sobre o problema apresentado e compartilhar sua vivência relacionada ao tema proposto.
- Propor estratégias para combater o racismo que valorizem atitudes antirracistas.

**Desenvolvimento do tema**

Estimular os estudantes a descrever pelo menos um apelido inofensivo que já tenha ouvido, ou recebido, e um que consideram agressivo.

No momento seguinte, os discentes devem propor estratégias para que casos semelhantes ao tema da aula possam ser evitados.

**Recursos**

Projetor, papéis, quadro e canetas.

**Avaliação do processo**

Reflexão coletiva sobre os sentidos criados a partir da experiência vivida pelos discentes, solicitando-se que os participantes escrevam as suas impressões sobre a aula e sobre os conceitos trabalhados.

### **3. VIOLÊNCIA CONTRA A ARBITRAGEM**

### 3 Violência contra a arbitragem

Leia, com atenção, alguns trechos da entrevista feita pelo UOL Esporte com o comentarista de arbitragem Marcio Chagas da Silva.

“Um dia meu filho de cinco anos me perguntou por que os pretos dormem na rua e são pobres. Expliquei que é um resquício da escravidão, que estamos tentando mudar isso, mas que é difícil. Não sei se ele entendeu. Às vezes nem eu entendo. Sendo negro..., eu me acostumei a ser o único da minha cor nos lugares que frequento” (...)

“Em um jogo entre Avenida x Internacional, em Santa Cruz do Sul, o juiz marcou um pênalti que não aconteceu e eu comentei no ar que o pênalti não aconteceu. Um torcedor foi no meu *Instagram* e escreveu: - Não gosta de ser chamado de preto, mas tá fazendo o quê aí? O que tem a ver a minha cor com o meu comentário? Outro cara me chamou de crioulo burro”. (...)

“...Ao dar partida no carro, ele engasgou duas vezes. Na terceira tentativa, caíram duas bananas do cano de escapamento. Alguém colocou duas bananas no cano do escapamento. Meu colega Marcelo Barison ficou horrorizado. Caminhei revoltado para o vestiário. O atacante do Esportivo Adriano Chuva, negro, me pegou pela mão e me levou um pouco mais afastado. Ele disse que ali aquilo era normal. -Você tem que ver o que eles fazem com a gente no centro da cidade. Ele dizia que os negros do time preferiam jogar fora de casa para não ser chamados de macaco em seu próprio estádio”. (...)

“...Na esfera cível, processei o Esportivo por danos morais. Durante o julgamento, o advogado deles debochou do racismo que sofri no estádio. - Chamar negro de macaco não é ofensivo, ele disse. - Ofensivo é amassar o carro porque, como diz a propaganda do posto Ipiranga, todo brasileiro é apaixonado por carro. Essa frase me fez decidir abandonar o futebol”.



Fonte: <<http://globoesporte.globo.com/rs/noticia/2014/03/arbitro-encontra-bananas-em-seu-carro-e-relata-racismo-no-gauchao.html>>

### **SAIBA MAIS!**

Na entrevista, é possível observar diversas formas de violência e de ações degradantes, sofridas por Marcio, com maior ênfase à discriminação racial. O caso apontado não é o único no Brasil. De acordo com o Observatório da Discriminação Racial no Futebol (2018, p. 14), “em 2017, ocorreram 77 casos discriminatórios no Brasil, destes, 69 casos ocorreram no futebol, oito em outros esportes”. Entre os casos que envolvem o futebol, 51 dizem respeito ao preconceito racial.

A primeira entrevista dada por Marcio Chagas relata como o preconceito sobre ele ficou insustentável, foi em 2014, quando ainda era árbitro de futebol. A reportagem do Uol Esporte foi publicada em abril de 2019. Os anos passam, o mundo evoluiu, mas parece que a violência continua. O relato mais recente, até o momento, publicado por diferentes canais especializados, foi o caso dos atletas Kessié e Lukaku, jogadores do Milan e da Inter de Milão, da Itália.

Lukaku, da Inter, foi alvo de violências racistas duas vezes, em menos de 15 dias. A primeira, onde, durante o jogo, torcedores da equipe adversária vaiavam e faziam sons imitando um macaco quando o atleta tocava na bola. A segunda agressão veio de um comentarista de futebol que afirmou: - “Se você for

no ‘um contra um’, ele vai te matar. Para pará-lo, você tem que jogar 10 bananas para ele comer” (GLOBO ESPORTE, 2019). Kessié, do Milan, assim como Lukaku, recebeu da torcida adversária vaias e sons que imitavam um macaco, quando ele tocava na bola.



### **Agora, responda!**

Apenas com sim ou não:

1. Todos agiram de forma errada, inclusive Márcio?
2. A reação de Marcio foi exagerada, pois a torcida só estava brincando com ele?
3. A torcida só estava defendendo as cores do seu time de coração?
4. Márcio deveria se preocupar com os estragos feitos no seu carro no lugar de se preocupar em ser chamado de macaco?

Em seguida, analise alguns fatos, da época de seus avós, relacionados à desumanização no futebol.

### **UM POUCO DE HISTÓRIA!**

Você sabia que o fluminense tem o apelido de “pó-de-arroz” por causa do jogador Carlos Alberto, atleta Negro, transferido do América, que, para esconder sua pele negra, passava pó de arroz no corpo, com objetivo ser aceito pela sua torcida e não ser criticado pela torcida rival? Mas, o que ele não previa, era que no decorrer do jogo, com a alta temperatura típica do Rio de Janeiro, seu suor iria revelar sua verdadeira cor.



Fonte: <https://www.flunomeno.com>



Fonte: <https://saudacoestricolores.com>

Parece engraçado? Mas não é! Isso representa o nível de discriminação da época. Os clubes até aceitavam atletas negros em seus times, mas eles, na maioria das vezes, eram impedidos de circular pelo clube e ter acesso aos mesmos espaços que os sócios. Esse fato histórico, evidência que a luta contra o preconceito racial não é coisa dos dias atuais.

### **PARA AMPLIAR O CONHECIMENTO!**

Muitos podem concordar que uma pessoa se sente mais feliz, quando faz

o bem aos seus semelhantes e se sente triste, quando faz algo negativo contra alguém próximo. Mas, por que existem tantos casos de violência racial no futebol e na sociedade? A teoria do desengajamento moral explica esse tipo de ação a partir do mecanismo denominado de **Desumanização da vítima**. Esse mecanismo é utilizado quando o agente dessa ação retira da vítima sua qualidade humana e assim evita autossanções. Quando se trata de um estranho ou um animal, esses sentimentos ficam mais distantes (BANDURA 2015). Pode-se afirmar que essa estratégia cognitiva é ativada no caso que envolve o comentarista Marcio e em diferentes formas de violência racial vistas na sociedade. As vítimas são tratadas como um animal e/ou, a elas são atribuídas características bestiais, como no caso do jogador Lukaku, quando o comentarista afirmou que ele “só poderia ser parado com muitas bananas ou ele iria matar seus oponentes”!

A cor da pele é o que define se uma pessoa é humana? Lembre-se! O Brasil é uma das nações com o maior número de negros no mundo fora do continente africano!

## HORA DE COMPARTILHAR CONHECIMENTO!

Forme um grupo com até 5 integrantes, faça um levantamento de outros casos relacionados ao tema e quais justificativas mais utilizadas pelos agressores. Em seguida, todos integrantes do grupo devem criar estratégias para abordar e desestimular novos casos. Se necessário pesquise outras fontes para auxiliar seu trabalho.



### LINKS ÚTEIS

- O Racismo Estrutural na Cultura do Futebol | Márcio Chagas | TEDxUnisinos - YouTube
- Matar negro é adubar a terra: Comentarista de arbitragem da Globo denuncia agressões racistas que ouviu no campo e na cabine | UOL Esporte

## PARA O PROFESSOR

**Plano de Aula**

Tema: Violência contra a arbitragem

Aula

Para que se possa viver em sociedade de forma harmônica, é importante reconhecer a figura do outro. Imagine como seria um jogo entre Flamengo e Fluminense, em uma partida válida pelo título nacional, sem a presença de um árbitro? Retirar a humanidade de outra pessoa não é mera brincadeira e nem coisa do futebol. Para desvendar a gravidade de atitudes racista no futebol, contextualizaremos o caso ocorrido com o árbitro Marcio Chagas.

Objetivos

- Conhecer ações de desumanização utilizadas para atribuir condições bestiais às vítimas de discriminação racial.
- Refletir sobre o problema apresentado e compartilhar sua vivência relacionada ao tema proposto.
- Propor estratégias para combater o racismo que valorizem atitudes antirracistas.

Desenvolvimento do tema

Divisão dos estudantes em dois grupos. Cada um desses, receberá uma proposta de atividade. Um grupo será incumbido de realizar a leitura completa do capítulo (cada integrante deve contribuir da forma que se sentir mais confortável), enquanto o outro, deverá ler o caso e as perguntas.

Posteriormente, cada grupo apresentará suas respostas e suas justificativas.

No momento seguinte, os discentes deverão propor estratégias para que casos semelhantes possam ser evitados.

Recursos

Projektor, papéis, quadro e canetas.

Avaliação do processo

Reflexão coletiva sobre os sentidos criados a partir da experiência vivida pelos discentes, solicitando-se que os participantes escrevam as suas impressões sobre a aula e sobre os conceitos trabalhados.

## **4. UMA AGRESSÃO PODE SER CULPA DA VÍTIMA?**

#### 4 Uma agressão pode ser culpa da vítima?

Em um jogo do campeonato Italiano de 2019, entre Juventus e Cagliari, o atleta Moise Kean (Juventus) fez um gol na parte final da partida e foi comemorar, em frente à torcida rival. Simultaneamente, os torcedores adversários começaram a emitir sons que imitavam macaco, além de outras ofensas verbais. Neste momento, toda felicidade do atacante de 19 anos por ter marcado um gol se transformou em um momento de tristeza e revolta.

A atitude da torcida do Cagliari foi repreendida pelos atletas de ambas as equipes, com reclamações ao árbitro da partida e pedidos para que não continuassem com as agressões. Nada surtiu efeito e, até o término da partida, as ofensas persistiram. Após o final da partida, a situação continuou no foco. A maioria dos atletas da Juventus e do Cagliari se solidarizou com o jovem atacante. Entretanto, declarações dadas por um de seus companheiros de equipe, do técnico da Juventus e do presidente do Cagliari foram as que mais repercutiram no pós-jogo.

Observe trechos das entrevistas a seguir:

“Kean sabe que se ele marca um gol ele tem que comemorar com seus companheiros. Ele sabe que ele poderia ter feito algo diferente. Houve insultos racistas depois do gol, Blaise (Matuidi) ouviu e ficou irritado. Eu acho que ele tem 50% de culpa porque Moise (Kean) não deveria comemorar diante da torcida adversária e os torcedores não teriam reagido dessa maneira.” - Leonardo Bonucci, zagueiro da Juventus.

“Você precisa ser inteligente em lidar com essas situações para não provocar as pessoas. Mas isso, obviamente, não significa que os idiotas na torcida e a reação deles seja justificada. Como tudo na vida, tem idiotas que fazem coisas ruins para todo mundo. Eu não acho que ficar falando disso o tempo todo ajuda. Nós precisamos usar as câmeras, encontrar quem faz isso e punir essas pessoas. É

muito simples, identificar eles e banir pelo resto da vida, não só um ou dois anos. Nós temos essa tecnologia, dá para fazer se as autoridades tiverem interesse. O problema é que eles não querem fazer.” - Massimiliano Allegri, técnico da Juventus.

“Se o Bernardeschi celebrasse assim, ele seria tratado exatamente da mesma maneira por nossos torcedores. Se o Dybala fizesse o mesmo drama que o Matuidi fez, ele teria o mesmo tratamento dos torcedores. Eu não quero que as pessoas comecem a falar mal da torcida do Cagliari até porque eu ouvi de jogadores da Juventus que o Kean errou em celebrar desse jeito.” - Tommaso Giulini, presidente do Cagliari.



**Agora, responda!**

1. Você concorda com as críticas relatadas?  
Justifique sua resposta.
2. Em sua opinião, qual posicionamento adequado diante dessas situações?

### **PARA AMPLIAR O CONHECIMENTO!**

O mecanismo de desengajamento moral relacionado a presente seção é o de **atribuição de culpa**. Nesse caso, o agressor atribui a culpa dos seus atos à vítima, na tentativa de não se sentir mal ou para transformar sua ação em algo aceitável. É importante compreender que toda vítima deve ser respeitada e acolhida. Quando o pré-julgamento da vítima é colocado à frente de atitudes de violência, a consequência mais provável é a diminuição de denúncias e o aumento de ações agressivas. Não é apenas no futebol ou em casos de discriminação racial que ações com justificativas de atribuição de culpa podem ser encontradas. Observe as situações a seguir:

A) Após assédio, de um homem a uma mulher, o indivíduo, frequentemente, argumenta que só agiu dessa maneira por causa da sua vítima, que estava vestida de forma inadequada e, “como ele é homem”, exerceu o seu papel. Fato que reflete direta ou indiretamente no número denúncias de mulheres. De acordo com dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (2011), apenas 10% dos casos de violência sexual são denunciados aos órgãos competentes.

B) Quando agentes de segurança pública, ao entrarem em uma comunidade, atingem um inocente e declaram que “se a pessoa não estivesse na rua isso não teria acontecido”. Segundo dados do IPEA (2017), aproximadamente, 645 indivíduos, entre inocentes e possíveis criminosos, são feridos nessas intervenções.

De tanto que as pessoas ficam expostas a estas justificativas, muitas normalizam essas situações, desvalendo-se de seu senso crítico e concordando com explicações de atos desumanos observados até aqui.

## HORA DE COMPARTILHAR CONHECIMENTO!

Em uma roda de conversa, junto a sua turma, informe se já foi acusado de ser o culpado por uma agressão sofrida, ou já tenha presenciado algo parecido. Descreva, também, como foi sua reação e como agiria agora.



### LINKS ÚTEIS

- <https://bityli.com/QM5odf>
- Veja as principais reações do caso Kean e a fala do zagueiro Bonucci | LANCE!
- Bastante criticado, Bonucci ameniza polêmica sobre ofensas a Kean: "Em todo caso, não ao racismo" | futebol italiano | ge (globo.com)

**Plano de Aula**

Tema: Uma agressão pode ser culpa da vítima?

Aula

Para retirar possíveis autopunições, um indivíduo coloca em suas vítimas a culpa pela agressão realizada por ele. Para auxiliar na desconstrução deste argumento, a ferramenta utilizada para debater o problema desta aula é o mecanismo denominado atribuição de culpa, o qual é acionado pelo infrator para tornar sua ação menos repreensível ao afirmar que o único culpado pela violência é a própria vítima.

Objetivos

- Analisar ações de atribuição de culpa utilizadas para retirar do agressor autopunições ao realizar um ato de discriminação racial.
- Refletir sobre o problema apresentado e compartilhar sua vivência.
- Propor estratégias para combater o racismo que valorizem atitudes antirracistas.

Desenvolvimento do tema

A aula terá início com um debate sobre a situação apresentada, os estudantes devem apresentar suas considerações a respeito.

No segundo momento, os alunos que desejarem, serão estimulados a expor casos semelhantes que vivenciaram ou que tiveram conhecimento.

No terceiro momento, os discentes devem propor estratégias para que casos semelhantes possam ser evitados.

### Recursos

Projetor, papéis, quadro e canetas.

### Avaliação do processo

Reflexão coletiva sobre os sentidos criados a partir da experiência vivida pelos discentes, solicitando-se que os participantes escrevam as suas impressões sobre a aula e sobre os conceitos trabalhados.

## **5. "MIMIMI" OU DISCRIMINAÇÃO?**

## 5 Mimimi ou discriminação?

Em partida válida pela 26ª rodada do Campeonato Brasileiro de Futebol (2020), entre Flamengo e Bahia, o resultado da partida foi ofuscado por uma acusação de racismo. Mesmo com a vitória da equipe rubro-negra por 4x3, o que mais chamou a atenção nos debates desportivos foi o lance ocorrido no início do segundo tempo, quando Gerson (Flamengo) acusa Ramirez (Bahia) de discriminação racial. A partida prosseguiu, após pausa dada pelo árbitro da partida para mediar o conflito entre os atletas.

Ao término da partida, o meio-campo do Flamengo concedeu entrevista e ratificou sua acusação contra o meio-campo do Bahia e contra o técnico da equipe rival. Este último, foi acusado de minimizar a discriminação e confrontar o atleta, ao lembrá-lo que ele “não se fez de vítima” após sofrer agressões físicas, em outra partida, pelo jogador Daniel Alves, do São Paulo.

Leia a declaração de Gerson a seguir:

“Tenho vários jogos pelo profissional e nunca vim à imprensa falar nada porque nunca tinha sofrido preconceito, nem sido vítima nenhuma vez. O Ramirez, quando tomamos acho que o segundo gol, o Bruno fingiu que ia chutar a bola e ele reclamou com o Bruno. Eu fui falar com ele e ele falou bem assim para mim: "Cala a boca, negro". Eu nunca falei nada disso, porque nunca sofri. Mas isso aí eu não aceito”.

“O Mano até falou: "Ah, agora você é vítima, não é!?" o Daniel Alves te atropelou e você não falou nada". Claro, porque teve respeito entre eu e ele. Eu nunca falei de treinador, mas o Mano tem que saber respeitar. Estou vindo falar aqui por mim e por todos os negros do Brasil.”

A repercussão das acusações gerou inúmeros posicionamentos por parte dos jornalistas, comentaristas, atletas e ex-atletas. Um dos comentários que mais gerou debate foi o do ex-atleta “Vampeta”.

“Mas eu não vi tanta coisa (sobre o Gerson). Eu joga bola ali na Vila Maria, lá tem de tudo... Coreano, boliviano, chinês... “Ô coreano, toca a bola”, “ô boliviano, toca a bola”, “ô chinês, toca a bola”. E aí? Se todo mundo for para a televisão por essas causas...” – afirmou Vampeta.

“O mundo parou naquele lance do Neymar e não deu nada. Agora teve um lance de novo com o *Paris Saint-Germain*, contra um time turco, mas os dois já se entenderam. O futebol está muito “mimimi”. – Vampeta.

Casos como estes são cada vez mais frequentes, e os debates também são semelhantes. Muitos pedem punições severas contra os agressores, outros consideram a ação como “besteira” e “coisa do futebol”.

#### Agora, responda!

1. Você acha pertinente a argumento do jogador Gerson? Justifique sua resposta.
2. Já aconteceu algo parecido com você em seu cotidiano? Comente sobre.

#### Hora do debate!

##### Qual argumento defender?

Você e seus colegas, com orientação e auxílio do professor, devem se dividir em três grupos: promotores, advogados de defesa e júris. Os promotores e advogados de defesa, terão 15 minutos para defender um argumento, propor punições ao agressor ou diminuir a gravidade da discriminação. Após esse tempo, cada grupo terá mais cinco minutos para reafirmar sua posição e apontar falhas no argumento do grupo oposto. Após essa etapa, os júris terão como tarefa definir o grupo que foi mais convincente.



PARA AMPLIAR O CONHECIMENTO!

Perceba que, em diferentes momentos, quando o ex-atleta e comentarista de esportes Vampeta expõe sua opinião sobre a discriminação, ele busca diminuir a gravidade da situação e aponta outros casos com a intenção de se afastar da sua fala preconceituosa e tornar seu discurso menos ofensivo. Além disso, Vampeta tenta distorcer a consequência da ação ao argumentar que “o melhor para o atleta é aceitar a ofensa”, já que a denúncia não irá refletir em nada no futuro.

Uma das grandes aliadas desse mecanismo na era atual é a tecnologia. Em guerras, por exemplo, o soldado não precisa mais, necessariamente, ir para frente de batalha atacar diretamente seu inimigo, ele pode lançar mão da tecnologia e devastar uma região com um *drone*, por exemplo. Os ataques podem aparecer também em forma de mensagens, é o que mostra um levantamento feito em contas do *Instagram*, de atletas que atuam no continente europeu.

A pesquisa relata que um a cada cinco atletas brasileiros que atuam na primeira divisão da Federação Europeia de Futebol (UEFA) receberam mensagens de cunho racista pela internet. Um bom exemplo pode ser observado em mensagem recebida pelo atacante Wesley, do Aston Villa, como reposta a uma postagem que fez sobre o Movimento “Vidas Negras Importam” (*Black Lives Matter*), quando um internauta comentou: “todas as vidas importam.

Quando a pessoa, o agressor, se imagina distante da vítima, diminui seu sentimento de culpa, já que ele não vê o sofrimento do outro. Percebe-se um exemplo desse mecanismo, quando um jogador, ciente de ter feito um gol inválido, não assume o seu feito. Seu sentimento de culpa é minorado, pois, além de colaborar para a vitória do seu time, não é o responsável por validar ou não uma jogada.

## HORA DE COMPARTILHAR CONHECIMENTO!

Em grupos de até cinco pessoas, pesquise situações em redes sociais que evidenciem o mau uso da internet. Em seguida, crie um canal virtual, que busque alertar sobre o uso inadequado das ferramentas tecnológicas e estratégias para evitar informações inverídicas.



### LINKS ÚTEIS

- Vampeta minimiza injúria racial relatada por Gerson: 'o futebol está muito mimimi' - istoé independente (istoe.com.br)
- Gerson acusa Ramirez de racismo em Flamengo x Bahia! Entenda todo o caso! - youtube
- Neymar minimiza acusação de racismo contra Rodolfo e Juliette no 'BBB': 'Chororô, mimimi do c...' | LANCE!

## PARA O PROFESSOR

**Plano de Aula**

Tema: Mimimi ou distorção das consequências?

**Aula**

Em um mundo cada dia mais ligado à internet e aos meios de comunicação, quando o indivíduo expõe sua posição discriminatória e violenta nos meios digitais, ele se afasta da ação na tentativa de diminuir sua culpa. É importante debater sobre esse tema com os estudantes para que eles compreendam que agredir outra pessoa, mesmo distante, não o redime da culpa e das possíveis consequências.

**Objetivos**

- Reconhecer as principais características do constructo de distorção das consequências.
- Refletir sobre o problema apresentado e compartilhar sua vivência relacionada ao tema proposto.
- Descrever atitudes que deveriam ser tomadas para evitar situações semelhantes no futuro.

**Desenvolvimento do tema**

Divisão dos estudantes em três grupos. Cada um receberá uma proposta de atividade. Um grupo será incumbido da defesa das justificativas dadas pelos algozes; o outro grupo deverá defender as vítimas; e o terceiro fará a função de júri.

No segundo momento, deverá haver exposição de argumentos.

No terceiro momento, o professor apontará as características do mecanismo de distorção das consequências.

**Recursos**

Projetor, papéis, quadro e canetas.

**Avaliação do processo**

Reflexão coletiva sobre os sentidos criados a partir da experiência vivida pelos discentes, solicitando-se que os participantes escrevam as suas impressões sobre a aula e sobre os conceitos trabalhados.

**6. NÃO SOU O CULPADO,  
TODOS FIZERAM!**

## 6 Não sou o culpado, todos fizeram

São inúmeros os casos em que uma pessoa ao realizar um ato positivo ou negativo, justifica sua ação como fruto de uma ação coletiva, sem pensar nas possíveis consequências.

Para exemplificar, observe um trecho da reportagem da revista Veja:

A torcedora gremista Patrícia Moreira prestou depoimento na delegacia de Porto Alegre, na manhã desta quinta-feira e admitiu ter chamado o goleiro Aranha, do Santos, de “macaco” na partida da última semana, na arena do Grêmio. Em seu depoimento, que durou menos de uma hora, a jovem de 23 anos negou que seja racista e disse ter agido “por impulso”. Patrícia admitiu que estava no local e que disse aquelas palavras, mas negou que fosse racista. Ela disse ter ido no embalo da torcida. Na torcida do grêmio, há cânticos que falam “macaco”. Todos estavam falando e ela falou também, afirmou o delegado Cleber Ferreira em entrevista coletiva depois do depoimento (Veja, 2014)<sup>2</sup>.

O trecho supracitado faz parte de uma série de reportagens que noticiaram a denúncia de discriminação racial feita pelo goleiro Aranha, em partida válida pela Copa do Brasil (2014), o jogo em questão foi disputado entre Santos, equipe do goleiro, e Grêmio. O caso em questão ganhou grande repercussão e gerou consequências, até então, inéditas. Para conhecer um pouco mais sobre o caso siga para a seção de links úteis.

---

<sup>2</sup> Endereço eletrônico da revista veja: Torcedora afirma que xingou Aranha ‘no embalo’ da torcida | VEJA (abril.com.br)



### **Agora, responda!**

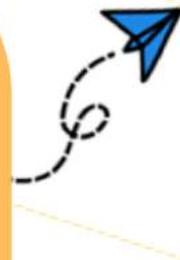
1. Você já presenciou casos semelhantes ao da reportagem em seu cotidiano? Qual foi a sua reação?
2. Já justificou uma atitude da mesma forma? Justifique.
3. Passou por situação em que outra pessoa justificou, do mesmo jeito, uma ação contra você?

### PARA AMPLIAR O CONHECIMENTO!

No mecanismo intitulado de **difusão de responsabilidade**, a pessoa que comete uma ação nociva minimiza possíveis sentimentos de culpa ao afirmar que a atitude foi definida por um grupo e que não teve culpa pelo ato de violência, apenas reproduziu o que todos faziam. Ao utilizar esse mecanismo, o indivíduo tenta expor que não existem culpados pela ação violenta, já que todos fizeram.

## HORA DE COMPARTILHAR CONHECIMENTO!

Acesse aos links propostos e faça uma pesquisa de casos semelhantes com a intenção de encontrar casos semelhantes ao do goleiro Aranha e identificar qual foi o desfecho de cada situação encontrada. Em seguida, faça um resumo de suas descobertas e apresente para os seus amigos de turma.



### LINKS ÚTEIS

- Torcedora afirma que xingou Aranha ‘no embalo’ da torcida | VEJA ([abril.com.br](http://abril.com.br))
- Aranha e o preço de denunciar o racismo no futebol: “Paguei com a minha carreira” - YouTube
- Grêmio e Aranha, uma história de racismo perverso e continuado | Esportes | EL PAÍS Brasil ([elpais.com](http://elpais.com))

## PARA O PROFESSOR

**Plano de Aula**

Tema: Não sou o culpado, todos fizeram!

**Aula**

Apresentar problemas que versem sobre o mecanismo de difusão de responsabilidade, relacionados ao racismo, e propiciar um espaço de debates com os estudantes para que eles compreendam que qualquer atitude racista é passível de condenação, independentemente se estiver sozinho ou agir com um grupo.

**Objetivos**

- Conhecer ações desengajadas utilizadas para minimizar a gravidade da discriminação racial.
- Refletir sobre o problema apresentado e compartilhar sua vivência relacionada ao tema proposto.
- Propor estratégias para combater o racismo, relacionado a difusão de responsabilidade, que valorizem atitudes não preconceituosas.

**Desenvolvimento do tema**

A aula terá início com um debate sobre a situação apresentada e os estudantes deverão apresentar suas considerações a respeito do tema.

No segundo momento, o professor apontará as características do mecanismo de difusão de responsabilidade.

No terceiro momento, os estudantes deverão acessar os links disponibilizados e pesquisar por outros semelhantes.

**Recursos**

Projektor, papéis, quadro e canetas.

Avaliação do processo

Reflexão coletiva sobre os sentidos criados a partir da experiência vivida pelos discentes, solicitando-se que os participantes escrevam as suas impressões sobre a aula e sobre os conceitos trabalhados.

**7. NO BRASIL NÃO EXISTE  
RACISMO, O PROBLEMA É SOCIAL.  
SERÁ?**

## 7 No Brasil não existe racismo, o problema é social. Será?

Para iniciar esse capítulo serão apresentados trechos de duas reportagens que versam sobre a presença de representantes negros como técnicos de futebol, na primeira e na segunda divisão do campeonato brasileiro de futebol. O primeiro trecho, retirado de uma reportagem sobre o tema, apresenta uma perspectiva social para explicar a quantidade de negros em cargos de comando no futebol. O segundo aponta para perspectivas estruturais (racismo estrutural), como o principal fator para desvendar os motivos para determinado número de negros em cargos de chefia no esporte.

### O caso Andrade

O contexto socioeconômico é apontado pelo ex-lateral e comentarista Júnior como explicação para a pouca representatividade negra nos cargos de comando.

— É mais difícil porque, no Brasil, o negro geralmente vem de baixa renda — diz Júnior, que foi técnico de Flamengo e Corinthians.

A resistência é antiga. O próprio Maestro se lembra de um episódio de 2005, em que, como diretor de futebol, viu o ex-meia Andrade ser cotado para assumir o comando do Flamengo, até ter seu nome vetado.

Andrade teve sua chance quatro anos depois e levou o Flamengo a um título brasileiro após 17 anos. Desde então, todos os treinadores campeões foram brancos, e Andrade viu sua carreira se limitar a oportunidades em clubes como Brasiliense-DF e São João da Barra-RJ.

Apesar disso, o ex-volante atribui sua saída do Flamengo a uma movimentação política. Hoje, acredita haver menos profissionais negros dispostos a percorrer todas as etapas de capacitação. Essa visão é compartilhada por Júnior:

— Marcão (Fluminense) e Roger Machado (Bahia) estão aí para provar que quem se prepara tem chances. (<https://bitly.com/B9ynM>)

## **Entrevista pós-jogo entre Fluminense x Bahia pelo Campeonato Brasileiro 2019**

Eu sei o que estou representando, como técnico do Fluminense, para as pessoas da nossa cor, afirmou Marcão às vésperas do jogo no Maracanã. Temos outros negros com capacidade para trabalhar no futebol, mas, muitas vezes, o que falta é oportunidade. Estou aqui porque eu me preparei e quero contribuir para que mais profissionais capacitados recebam essa chance de mostrar seu potencial.

Negar e silenciar é confirmar o racismo”, disse o técnico durante uma contundente entrevista coletiva depois da derrota de seu time para o Fluminense. Minha posição como negro na elite do futebol condiz com isso. O maior preconceito que eu senti não foi de injúria. Eu sinto que há racismo quando eu vou ao restaurante e só tem eu de negro. Na faculdade que eu fiz, só tinha eu de negro. Isso é a prova para mim. Mas, mesmo assim, rapidamente, quando a gente fala isso, ainda tentam dizer: Não há racismo, está vendo? Você está aqui. Não, eu sou a prova de que há racismo porque eu estou aqui.

Para Roger, a escassez de técnicos negros no futebol reflete o racismo estrutural da sociedade. Além dele e Marcão, apenas Hemerson Maria, do Botafogo-SP, figura como negro em função de comando entre 40 clubes das séries A e B do Campeonato Brasileiro. A gente tem mais de 50% da população negra e a proporcionalidade [entre treinadores] não é igual. Temos de refletir e questionar. Se não há preconceito no Brasil, por que os negros têm o nível de escolaridade menor que o dos brancos? Por que 70% da população carcerária é negra? Por que quem morre são os jovens negros no Brasil? Por que os menores salários, entre negros e brancos, são para os negros? Entre as mulheres negras e brancas, são para as negras? Por que, entre as mulheres, quem mais morre são as mulheres negras? Há diversos tipos de preconceito. Se não há preconceito, qual a resposta? Para mim, nós vivemos um preconceito estrutural, institucionalizado.

Roger Machado ainda contextualizou a falta de negros no alto escalão do futebol com a história mal resolvida do país diante das consequências da escravatura e da colonização. “A bem da verdade é que 10 milhões de indivíduos foram escravizados. Mais de 25 gerações. Passou pelo Brasil Colônia, pelo Império e só mascarou no Brasil República. Esses casos que vêm aumentando agora, de feminicídio, homofobia e preconceito racial, mostram que a estrutura social é racista. Ela sempre foi racista.” (<https://bityli.com/A449j>)



#### **Agora, responda!**

1. Ao analisar a reportagem que se refere ao caso Andrade, você concorda com o descrito pelos entrevistados? Justifique sua resposta.
2. Ao analisar os questionamentos feitos na segunda entrevista, pós-jogo Fluminense x Bahia, qual sua opinião?
3. Para você existe racismo no Brasil ou o problema é apenas socioeconômico?

#### **PARA AMPLIAR O CONHECIMENTO!**

É possível observar em ambos os trechos o mesmo problema que é o baixo número de técnicos negros no futebol brasileiro. Entretanto, tal discrepância é descrita em diferentes pontos de vista, nos quais o primeiro responsabiliza a origem pobre, a falta de interesse e a baixa escolaridade (capacitação profissional)

como principal fator para não ter uma proporção de técnicos negros parecida com a quantidade de atletas. As declarações não citam o racismo como fator relevante. Em contraposição o segundo trecho aponta a evidência do racismo, como o principal fator para que se tenham tantos atletas negros como destaque no futebol brasileiro e apenas 3 técnicos negros, entre 40 equipes da primeira e segunda divisão, no comando dos clubes.

As diferentes formas utilizadas para tratar o problema, isto é a falta e/ou o baixo número de representantes negros em cargos de chefia não é privilégio do futebol. Em toda sociedade brasileira há divergências para explicar os motivos, em um país com mais de 50% da população negra, de como é difícil ser atendido por um médico negro, observar um dono de uma grande empresa negro, um magistrado negro ou um presidente de uma equipe de futebol negro.

Será que no Brasil não existe racismo? Se o problema social brasileiro for resolvido, teremos negros na mesma proporção da população (50% ou mais) na função de engenheiros, pilotos, governadores e diretores de grandes empresas? Para ajudar na resposta desses questionamentos vamos entender um pouco sobre a negação da existência de racismo e sobre racismo estrutural.

O racismo sofre influências históricas como a do mito da “democracia racial”. Mito esse que parece enraizado em parte da população brasileira que acredita não haver discriminação racial no país. O termo “democracia racial” começou a ser difundido no Brasil a partir das obras do antropólogo Gilberto Freyre (1933), e por autores que o tinham como referência (MÁRIO FILHO, 2003; DE ARAUJO, 1994; NICOLAZZI, 2008). A respeito da democracia racial, Silva e Tobias (2016, p. 190) descrevem o seguinte: “De acordo com essa ideologia, o Brasil seria um país livre de discriminação racial, onde negros e brancos

conviveriam pacificamente e todos teriam as mesmas oportunidades de ascensão social”. A continuidade dessa trama, atualmente, é defendida sem oposição ao fato de que no Brasil exista discriminação racial. Para os novos ideólogos desta “democracia”, o foco não é o racismo e sim a desigualdade social. Mas, não é isso que é percebido em diversas áreas da sociedade, por exemplo a relação de técnicos negros no comando das principais equipes de futebol das séries A e B do campeonato brasileiro.

No Brasil, é possível observar que há um convívio entre diferentes etnias/raças, por vezes pacífico, entretanto quando a questão é de oportunidades de trabalho, ascensão socioeconômica ou de como vivem – moradia, saúde, educação e lazer – existe um abismo entre a população negra e branca. Mas o discurso da “democracia” foi tão bem elaborado, que até atualmente consegue cumprir o papel que lhe foi dado que é: apoiar a manutenção de desigualdades, fortalecer o Brasil industrial no qual os detentores do capital precisavam do trabalhador negro, e dificultar a luta por igualdade de direitos. E assim, fugir de possíveis conflitos, além de passar a imagem de uma nação mestiça, pronta para o desenvolvimento.

De acordo com Abdias do Nascimento (2016) a democracia racial, na verdade, não apresenta nenhum questionamento a situação degradante dos negros, nem busca modificar a realidade, pelo contrário, serve para mascarar e oprimir qualquer questionamento que venha a divergir do que deveria ser agraciado com a identidade nacional.

O que se pode notar é que a ideologia da democracia racial se instalou de maneira muito forte no imaginário social brasileiro, de tal modo a ser incorporada como um dos aspectos centrais da interpretação do Brasil, das mais diversas formas e pelas mais distintas correntes políticas, tanto à “direita” como à “esquerda”. Para entender a força desta ideia inserida no debate nacional com a obra de Gilberto Freyre, é fundamental que se entenda que a democracia racial não se refere apenas a questões de ordem moral. Trata-se de

um esquema muito mais complexo, que envolve a reorganização de estratégias de dominação política, econômica e racial adaptadas a circunstâncias históricas específicas. (ALMEIDA, 2019, p. 109).

Outra artimanha que foi muito bem elaborada, com auxílio da “democracia racial”, é a estratégia de purificar ataques racistas ao colocá-los como uma brincadeira, ou apenas uma “piada”. Esse argumento camufla ações discriminatórias de forma tão complexa que pode influenciar até mesmo ações judiciais sobre denúncias racistas como descreve Silvio Almeida:

O fato de parte expressiva da sociedade considerar ofensas raciais como “piadas”, como parte de um suposto espírito irreverente que grassa na cultura popular em virtude da democracia racial, é o tipo de argumento necessário para que o judiciário e o sistema de justiça em geral resista em reconhecer casos de racismo, e que se considerem racialmente neutros (ALMEIDA, 2019, p. 48).

Pode-se notar que a ideologia da democracia racial, ainda nos dias de hoje, se enraizou tão forte na cultura dos brasileiros que é interpretada como elemento de identificação do Brasil, ao ponto de legitimar a violência e a desigualdade racial (ALMEIDA, 2019). E para que essa ideologia conseguisse lograr êxito, precisou ser disseminada por diferentes áreas sociais como nas universidades, pelas políticas públicas, nos meios de comunicação e por intermédio dos grandes empregadores. Foi arquitetada e instaurada até formar uma estrutura racista incontestável, que herdou características da época da escravidão – e pós escravidão, com o abandono do liberto a sua própria sorte (SOUZA, 2017) – e foi modernizada ao longo dos anos, sem perder sua principal função que é a dominância dos corpos negros.

De acordo com Almeida (2019) o racismo no Brasil pode ser caracterizado como fruto de um processo que vai além das instituições, que regem as regras e os padrões racistas, ou de ações individuais discriminatórias: ele faz parte de uma estrutura social. “Em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratarem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial, irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como “normais” em toda a sociedade” (ALMEIDA, 2019, p. 32). Em outras palavras, é possível apontar que a sociedade é racista e, por consequência, grupos e indivíduos são racistas. Esse processo é a manifestação do racismo estrutural.

O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”. Nesse caso, além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas (ALMEIDA, 2019, p. 33).

Compreender e debater toda essa estrutura racista é o ponto fundamental no caminho a percorrer na luta antirracista. Esta seção teve o objetivo de esclarecer que o racismo estrutural pode ser percebido como um processo fundamental para o baixo número de pessoas negras em todas áreas da sociedade. Espera-se que ao compreender o racismo, assim como compreender as diversas estratégias utilizadas para camuflar sua existência, seja o ponto de partida para a transformação da sociedade no combate contra a discriminação racial.

**"Numa sociedade racista não basta não ser racista. É necessário ser antirracista".**

Angela Davis

### LINKS ÚTEIS

- O Boticário apresenta: Como ser antirracista com Djamila Ribeiro - EP1 - YouTube
- Roda Viva: Djamila Ribeiro fala sobre racismo estrutural, feminismo negro e política - YouTube
- Supremo Racismo final.indd (mec.gov.br)

## PARA O PROFESSOR

**Plano de Aula**

Tema: No Brasil não existe racismo, o problema é social. Será?

**Aula**

No Brasil, 50%, ou mais da população é composta por negros, entretanto essa porcentagem não se reflete nos diferentes setores sociais. Em outras palavras, é possível observar que os negros são a maioria em trabalhos de menor relevância socioeconômica, nas favelas, entre desempregados e as maiores vítimas de violência, quando comparados aos não negros. Para debater sobre o tema, o problema gerador será a baixa quantidade de técnicos negros no futebol.

**Objetivos**

- Conhecer aspectos do mito da democracia racial e do racismo estrutural.
- Refletir sobre o problema apresentado e compartilhar sua vivência.
- Propor estratégias para combater o racismo que valorizem atitudes antirracistas.

**Desenvolvimento do tema**

Estimular o debate entre os estudantes sobre as estratégias utilizadas para mascarar o racismo existente no Brasil.

No segundo momento, os discentes deverão propor estratégias para que casos semelhantes possam ser evitados.

### Recursos

Projetor, papéis, quadro e canetas.

### Avaliação do processo

Reflexão coletiva sobre os sentidos criados a partir da experiência vivida pelos discentes, solicitando-se que os participantes escrevam as suas impressões sobre a aula e sobre os conceitos trabalhados.

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

AZZI, Roberto Gurgel. Introdução à Teoria Social Cognitiva. **São Paulo: Casa do Psicólogo**, v. 1 2014.

AZZI, R.G.; LIMA JÚNIOR, E.J.; CORRÊA, W.G. **Agência moral na visão da Teoria Social Cognitiva**. Porto Alegre: Letra 1, 2017.

AZZI, R.G.; CORRÊA, W.G. Mecanismos de desengajamento moral em ação: discussão a partir de exemplos brasileiros. In: BANDURA, Albert; AZZI, R. G.; TOGNETTA, L. A. Desengajamento moral: teoria e pesquisa a partir da teoria social cognitiva. **São Paulo: Mercado de Letras**, 2015. p. 195-218.

BANDURA, Albert; AZZI, R. G.; TOGNETTA, L. A. Desengajamento moral: teoria e pesquisa a partir da teoria social cognitiva. **São Paulo: Mercado de Letras**, 2015. p. 195-218.

BANDURA, A.; BARBARANELLI, C.; CAPRANA, G. V.; PASTORELLI, C. Mechanisms of disengagement in the exercise of moral agency. **Journal of Personality and Social Psychology**, n. 71, p. 364-374, 1996.

BRASIL, MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. 2010.

DE ALMEIDA, Maureci Moreira; RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. O mito da democracia racial, racismo e futebol: um debate sociológico. **Novos Rumos Sociológicos**, 2015, 3.3.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2015.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Editora Perspectiva SA, 2016.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. Leya, 2017.